UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO PROFISSIONAL

MEMORIAL FORMATIVO DE RALEI PEREIRA MATOS

extraído em fevereiro de 2025 do relatório de pesquisa intitulado **EDUCAÇÃO, ESCOLA E SERVIÇO SOCIAL: contribuições diante da inserção do/a assistente social no âmbito da educação básica**

Catalogação elaborada pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

Matos, Ralei Pereira.
M428e Educação, escola e serviço social: contribuições diante da inserção do/a assistente social no âmbito da educação básica / Ralei Pereira Matos. – Uberlândia (MG), 2024.
215 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Linha de pesquisa: Práticas Docentes para a Educação Básica.
Orientadora: Profa. Dra. Gercina Santana Novais.

1. Educação. 2. Serviço social. 3. Assistentes sociais. I. Novais, Gercina Santana. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. III. Título.

CDD 370

MEMORIAL: "Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou[1]"?

Me lembrando do poema de Fernando Pessoa, de onde tirei o fragmento questionador acima, tenho a dizer que cá estou: aos cinquenta anos, tentando fazer um exercício que me permita refletir sobre estar aqui! E não se trata de um "aqui-lugar" somente, mas de um "aqui-histórico", que possa relatar acerca do ser que sou/estou hoje; um "aqui-percurso" que me localize pessoal, acadêmica e profissionalmente no tempo-espaço; um "aqui-(re)encontrado" que possibilite tanto uma incursão nas lembranças que o tempo (e às vezes eu mesmo) quis apagar, quanto um exercício que projete e esclareça intenções futuras, fundadas a partir das opções que tive e das escolhas que fiz e me trouxeram até aqui.

Lembrar, rememorar, evocar, recordar, relembrar... Tantos sinônimos para concluir que não estou revivendo, mas fazendo um difícil exercício que compreende o ato de "refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado" (Bosi, 1994, p. 55), numa tentativa de alcançar minha história e limitá-la a fatos, eventos, personagens, cheiros, cores e sons.

Para alcançar os objetivos deste exercício, encontro suporte em Bosi (1994, p. 3) para quem a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Essa autora afirma ainda que "lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito." Diante dessas afirmativas fico duplamente indignado: primeiro porque, mesmo sabendo dessa impossibilidade, não quero apenas fragmentos, ora! Não quero que minha história seja recortada, tampouco que as memórias me cheguem tão dispersas de modo que não consiga rejuntá-las. Segundo, porque concluo que ninguém me serviria como escutador infinito uma vez que, mesmo considerando minha finitude física, ninguém se prestaria a ficar conversando eternamente com alma penada!

Compreendendo que "as lembranças às vezes afloram ou emergem" (Bosi, 1994, p. 3) e que em razão disso exigem uma tarefa de paciente reconstituição, me dou conta de que há aqui um problema: elas não afloraram, nem emergiram; mas foram buscadas! É justamente por isso que encontrei dificuldades nessa tarefa, e razão pela qual não me acho confortável nesse exato momento.

Parece que tudo é um emaranhado sem lógica, sem estrutura, sem conexão. A mente dá voltas, esbarra, aprofunda, foge, finge, reencontra, busca informações e respostas que às vezes não serão compreendidas de pronto. Tento responder a Bosi (1994, p. 29) quando ela questiona sobre a forma predominante de memória de um dado indivíduo. Sabendo que não tenho a resposta, é mais cômodo concordar com a autora que enuncia que o único modo correto

[1] Extraído do poema "Tabacaria" de Álvaro de Campos, heterônimo usado por Fernando Pessoa, escrito em 1928.

de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia, já que a “narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar."

Consultando meus recônditos, vejo que devo duvidar da sobrevivência do passado tal como foi (Bosi, 1994, p. 55) uma vez que por “mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância.”

Num primeiro momento, buscar na memória elementos e fatos que moldaram, construíram minha identidade e me dizem quem sou me pareceu muito fácil. Nessa atividade mnésica, reporto-me a Bosi mais uma vez (1994, p. 46) e sou obrigado a concordar com o fato de que o passado vem à tona das águas presentes misturando-se com as percepções imediatas, empurrando-as de modo que ocupem o espaço todo da consciência, e analiso a afirmativa de que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações.”

Reconheço que a memória é toda dividida por marcos e percebo o quão difícil pode ser o ato de buscar “etapas onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, emprego, festas” (Bosi, 1994, p. 415) e tento alcançar fatos que caracterizam, particularizam a existência e a construção social de mim mesmo. Permaneço em silêncio diante de uma mesa repleta de fotos. Busco organizá-las a partir de recortes histórico-temporais definidos pelo que me lembro conforme a circunstância que cada uma apresenta; tento analisá-las conforme percepções, dialogar com elas.

E assim, rio e choro recordando de algumas pessoas e percebendo que me esqueci de outras. Mesmo sabendo que “ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência” (Bosi, 1994, p. 33) encontro dificuldades em me certificar de fatos e dados, bem como o motivo pelo qual foram dignos de receber o registro em fotografias físicas e mentais.

Entretanto, tais dificuldades não impedem que eu tente buscar as experiências e analisá-las tendo em vista o momento presente, onde a lembrança é, conforme Bosi (1994, p. 55) “uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.”

Confiro cores, vejo modas, analiso rostos, indago ausências, me lembro das pessoas, fico saudoso de umas e não consigo saber de outras; busco respostas para as perdas físicas dadas pela morte e/ou pelo distanciamento; celebro coisas ainda vivas na memória e tento me esforçar para buscar referências que me expliquem tantas outras de modo que, tendo-o redigido sob o signo de uma certa maturidade (não isenta de lapsos e emotividade), este memorial reflita sobre uma mescla que busco agora: um pouco das rotas e trânsitos que marcam minha vida pessoal e meu trajeto acadêmico-profissional.

(Re)montando o que me integra, ocupa e identifica - “aqui-lugar”; “aqui-histórico” e “aqui-(re)encontrado” - percebi que eu estava exposto “a uma riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares” (Bosi, 1994, p. 415) que construíram meu “aqui-percurso”.

Revisitando minha história, meus caminhos e escolhas, quis compreender o que fiz; dar sentido e significado ao que me construiu e me orgulhar de mim mesmo. Olhando os guardados de minhas horas passadas, tentei consultar minhas gavetas e escaninhos sem me preocupar com o quesito tempo/espaço. Tentei me compreender como alguém moldado por relações nem sempre fundadas na afetividade, mas que foram essenciais para que eu soubesse o que mereço! Quis abraçar novamente, quis me banhar numa enxurrada, quis dizer adeus e enterrar sombras nem sempre verbalizadas, mas que também me assaltaram a mente. Quis, enfim, nomear, enfrentar e exorcizar os nós que também me compõem.

Por isso hoje conto histórias... histórias de mim mesmo porque elas são minhas e elas sou eu! Sabendo que “a história não tem fim”, e para “voltar pro ninho, redescobrir meu lugar, retornar e enfrentar o dia-a-dia e reaprender a sonhar[2]” buscarei, no transcurso da escrita, as situações que julgo terem sido as mais significativas, as mais relevantes, e aquelas que consigo de alguma forma associar como sendo o produto dos meus caminhos e que “respondem sim, à minha imaginação.”

Olhando as fotos de que disponho, busco fragmentos que me levem à máxima memória que, nesse momento aparece como “força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (Bosi, 1994, p. 44) e me questiono: de que forma cheguei ao Mestrado? Não apenas a chegada física, de ter entrado no curso; mas a chegada pensada sob a consideração da minha compreensão de vida atual, no meu “aqui-agora”; a chegada analisada a partir de processos imbricados, desde aqueles que levam à mais profunda consideração de minha infância, até os mais recentes que me trouxeram aqui; e me fazem tentar costurar informações e memórias para que eu responda a mim mesmo: “quem me chamou? ”

O PRINCÍPIO

Com as lágrimas do tempo
e a cal do meu dia
eu fiz o cimento
da minha poesia.
E na perspectiva
da vida futura
ergui em carne viva
sua arquitetura.

[2] Música: Brincar de viver. Composta por Guilherme Arantes, cantada por Maria Bethânia.

Não sei bem se é casa
se é torre ou se é templo:
(Um templo sem Deus.)
Mas é grande e clara
pertence ao seu tempo
- Entrai, irmãos meus!
(Vinícius de Moraes, Poética II - 1962)

Eu sou Ralei Pereira Matos, o nono filho dos dez que meus pais tiveram. O décimo é meu irmão gêmeo Raitler, que chegou dez minutos depois de meu nascimento. Antes de nós, por ordem cronológica vieram Ralf, Raquel, Miriam, Sirlene, Raucilene (as quatro falecidas em tenra idade) Randal (também falecido, aos 29 anos) Sirlei e Randerson, todos nascidos em Uberlândia, Minas Gerais.

Sendo vizinhos, meus pais se conheceram ainda muito novos e começaram a namorar. Somos então a extensa prole do casal Mário - técnico em eletrônica, tocador autodidata de violão, apreciador de boleros e sambas-canções, irredutivelmente apaixonado por sua mãe; minha saudosa avó Benedita Santana - e Maria (Dona Neném); nora dileta de minha avó e igualmente cultora de seu amor; que se dividia entre o trabalho de casa, a criação dos filhos e o "cargo de auxiliar imediato" de meu pai na oficina eletrônica onde ele consertava tv's, rádios, radiolas, eletrolas.

Foi nesses aparelhos que ouvi muita música que meu pai gostava e colocava para testar antes de devolvê-los aos clientes, cumprindo com suas habilidades profissionais no conserto de todos eles. Foi aí que ouvi uma das primeiras músicas de que gostei e de certa forma moldou meu gosto musical. Era um LP de onde ecoava "O canto de Ossanha" (de Baden Powell) na voz de Elis Regina. Tempos depois, foi num desses aparelhos consertados por ele que ouvimos a notícia da morte de Clara Nunes; aquela que tantas vezes também teve a voz a ecoar pela oficina.

Meus avós maternos Adarcisio e Antonieta se alternavam entre "a cidade" e a "roça" para cuidar de suas coisas; o que obstou o sonho de minha mãe em ser professora de Língua Portuguesa, já que ela ficava sob os imperativos desse nomadismo. Sempre tivemos contato, éramos visitados por eles e vice-versa e, apesar de também serem presentes em nossas vidas, nossa maior referência foi mesmo minha avó paterna, Benedita Santana.

Benzedeira renomada e muito procurada; festeira dos santos juninos, das folias de Reis, de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário; e o colo mais amoroso que todos tivemos, era ela quem juntava toda a família. Nos períodos de festas, sua casa era invadida por um mar de gente que, da família ou não, ia chegando e trazendo consigo latas de doces, carne na banha, conservas, bebidas e aperitivos, galinhas, porcos e o que mais houvesse à disposição e pudesse

colaborar nas celebrações de seus santos. Depois de sua morte, em 1982, a família desabou, se desagregou, e nunca mais teve a mesma disposição para os encontros tão festivos. Essa é a saudade unânime que marca a todos nós.

Morávamos no Bairro Brasil, no alto da Rua Paraná, e cresci brincando ora na antiga linha do trem; nas palhas da máquina de beneficiar arroz; ora no depósito de areia e cascalho, onde as latas de marmelada eram meus carrinhos; e junto aos restos de materiais da marcenaria que tínhamos ao lado de nossa casa.

As madeiras recortadas nas mais variadas formas nos requeriam exercícios criativos de modo que inventássemos objetos a partir da configuração de cada um; o que contribuía para que todos os dias tivéssemos carrinhos novos, objeto de casa, bonecas e bonecos, armas de guerra, ambulâncias, e tudo o mais que nos satisfizesse a imaginação e o desejo de termos os brinquedos que não tínhamos.

Naqueles lugares em que brincávamos fui cantor (das músicas ouvidas por meu pai), bombeiro, policial, o Pedrinho do Sítio do Pica-pau Amarelo (mas também já fui a Cuca) cozinheiro, papai noel, cachorro com manchas, cachorro com listras e muitas outras coisas. Ao final da tarde os sonhos se esfumavam... buscávamos a água para o banho, retirando-a das latas que minha mãe engenhosamente punha a esquentar, a partir do fogo sempre moldado por serragem, e pelos pequenos pedaços de madeira que mais cedo tinham sido nossos brinquedos. “Amanhã eu volto”, dizia para mim mesmo, sob a certeza de que os bichos, as profissões e as coisas todas seriam outras, teriam novos enredos, necessidades, e seria outro dia de banho na lata!

Meus irmãos já estudavam, e o máximo de contato que eu experimentara com o ambiente escolar até então, resumia-se à frequência ao colégio de freiras onde fazíamos catequese. Essa é a primeira recordação que tenho sobre “escola”. Não éramos alunos do colégio, mas aos domingos íamos para as aulas do catecismo católico.

A comunidade do bairro tinha franco acesso às dependências do colégio, mas apenas à parte do prédio onde éramos instruídos e tínhamos as primeiras experiências religiosas. Foi a primeira vez que vi escadas (na minha cabeça eram, mas hoje entendo que eram rampas) nos levando para o alto.

Foi nesse colégio a primeira vez que vi mesas e carteiras tão pequeninas! Aquilo me cabia, era para mim, era meu! Na verdade, não era... Era dos alunos do colégio. Assim como era deles também o parquinho: balanços, escorregadores, gira-gira, torres, espaço com terra e grama e outros brinquedos que eu jamais tinha visto.

A semana toda eu esperava a chegada do domingo, afinal era o dia do parquinho e do pirulito caramelizado em forma de sombrinha distribuído pelas freiras... Não tinha nada a ver

com formação religiosa! O que eu desejava era o parquinho e, mesmo que significasse o momento de ir embora, desejava também o pirulito que era distribuído ao final do período de aulas no catecismo.

Gradativamente, houve o afastamento natural daquelas aulas, que nunca foram uma imposição ou cultura familiar, já que eu ia apenas acompanhando os irmãos mais velhos. Além do mais, eu me recusava a avançar para o módulo seguinte, dada a necessidade de entrar nas salas onde as crianças eram maiores, e as aulas versarem sobre temas que eu não compreendia, e não me representavam nada. Minha vontade era apenas chegar a hora do parquinho e da saída: tinha pirulito caramelizado!

A PRIMEIRA ESCOLA

Tenho o privilégio de não saber quase tudo.
E isso explica o resto.
(Manoel de Barros, 2010)

Aqui está minha vida - esta areia tão clara
com desenhos de andar dedicados ao vento.
Aqui está minha voz - esta concha vazia,
sombra de som curtindo o seu próprio lamento.
Aqui está minha dor - este coral quebrado,
sobrevivendo ao seu patético momento.
Aqui está minha herança - este mar solitário,
que de um lado era amor e, do outro, esquecimento.
(Cecília Meireles, Apresentação, 2002)

Em 1981 eu tinha sete anos quando ingressei na primeira série da Escola Estadual 6 de Junho; lugar onde todos os meus irmãos também estudaram. Era o início de uma nova rotina, onde as professoras não falavam o mesmo o que as freiras; o prédio era antigo, estranho, cheio de salas iguais, sem as escadas/rampas e também sem o parquinho e o pirulito da minha felicidade. Além disso, e o que era pior, eu disputava o espaço com muitas crianças que, além de não serem meus vizinhos, eram uns chorões!

Meus irmãos contavam histórias daquele espaço cujas edificações contrastavam com a limpeza, organização e conservação dos tempos do colégio de freiras. Essas histórias tinham por cenário um dos espaços mais precários e malcuidados de toda a escola, e onde morava uma lenda: a loira do banheiro! Eu morria de medo dela, e por isso não entrava ali, mesmo quando a necessidade era grande.

Em meio a professoras filhas da diretora (Dona Lourdes); aulas de educação física dadas na quadra da Escola Estadual José Ignácio de Souza; campanhas para arrecadação de gêneros alimentícios destinados à confecção da sopa (rala); o medo da professora (Luzia) de

matemática e da loira do banheiro, fui alfabetizado pela cartilha Caminho Suave[3] aprendendo, dentre outras coisas, que o "o vovô viu a uva"; "a vaca é a violeta"; "o gato é da Didi" e o "Z é de zabumba"!

Eu estava acostumado com o violão tocado por meu pai, e descobri que o Z é de zabumba, sem fazer ideia do que era isso! Como eu gostava dessa cartilha... Ao final de cada uma, aqueles que já sabiam a lição recebiam uma premiação: a "tia" deixava colorir! Não tínhamos tanto material, mas eu sempre coloria, mesmo que fosse com o lápis de escrever.

Aos poucos fui me esquecendo de fazer comparações entre os cenários e já não me preocupava se não tinha o parquinho ou o pirulito caramelizado. Eu queria era receber a medalha: avançar na cartilha para colorir as figuras e receber uma mensagem escrita pela "tia", cuja caligrafia eu tentava imitar. Ela fazia um desenho de coração com caneta vermelha e ao lado desse coração sempre escrevia "muito bem!"

Depois de escrever, ela ainda lia com uma expressão tão alegre, tão amável que, além de me fazer disparar o coração, soava como inspiração e incentivo. Então eu me esforçava, e o que era letra virava sílaba; que virava palavra, que por sua vez construía frases que eu lia muito rapidamente. E isso tudo virava o "muito bem" com coração que eu sempre esperava!

De letra em letra, passei pelo giz de professoras que marcaram meu interesse pelos estudos: Carolina, Sueli, Norma, Maria Antônia, Dorinha, e outras cuja memória me traz a lembrança de gestos, mas não de nomes... Outra lembrança que tenho foi a tragicidade que envolveu essa fase: uma professora de educação física e cujo nome me falta, sofrera um acidente automobilístico e ficara paraplégica.

Eu tinha um coleguinha (Marcelo) que havia sido meu primeiro contato com alguém que não andava e usava cadeira de rodas. Era bonito e inteligentíssimo; o primeiro a declamar a lição, além de ter os melhores lápis de cor, e até canetinhas! Mas as referências à pessoa de Marcelo (em razão de sua deficiência) não eram nada elogiosas. Embora não tivéssemos noção, repetíamos o coro que ecoava na escola sem entender que isso pudesse representar, dentre tantas outras coisas, um processo de exclusão: ele era "aleijado".

Aos 9 anos, em 1983, eu não tinha a mínima noção do peso da palavra que usávamos para nos referir ao Marcelo. Foi essa mesma palavra que usamos quando soubemos que a professora também ficaria nas mesmas condições que meu amigo: aleijada. Isso foi um baque pois, a partir das informações dadas pela escola, associei as condições de Marcelo à nova

[3] Cartilha de alfabetização publicada em 1948. Escrita por Branca Alves de Lima, a partir de um método que ela mesma desenvolveu a partir da observação das dificuldades de aprendizagem de seus alunos, em grande parte moradores da zona rural, esteve na lista de livros didáticos das escolas de ensino primário de todo o Brasil por muitos anos e, atualmente ultrapassou a 130ª edição.

realidade da professora, sem entender como uma pessoa que ministrava aulas de educação física pudesse ficar da mesma forma que ele. Ela não voltou para dar aulas e eu nunca mais soube de informações nem de um nem de outro. Ele foi meu primeiro amigo, mas sem se despedir, saiu da escola, e eu nunca soube os motivos. Talvez sua saída tenha se dado pelo que hoje chamamos bullying.

Ainda em 1983 e cursando a terceira série, tive uma professora que nos ensinava a ler "com entonação" o que, de acordo com ela, requeria saber interpretar os sinais de pontuação, além de saber domar a respiração, e fazer as pausas das vírgulas e dos parágrafos. Foi essa mesma professora quem nos despertou para a literatura infantil, levando-nos para a biblioteca da escola; um lugar que ninguém havia nos levado até então.

Em suas aulas, essa professora nos exigia o gozo da viagem a partir da leitura, o despertar para as paisagens e para as características dos personagens, para o enredo da história. Essa foi minha primeira experiência com a leitura que não estava às voltas com a cartilha tradicional da sala de aula.

Exigindo que começássemos por livros pequenos e com mais figuras, tínhamos que dizer a ela o nome de seu autor e fazer um breve relato sobre a história do livro escolhido por nós. Essa era uma atividade obrigatória a partir da qual (sem saber) éramos encaminhados para o universo da literatura, sempre começando com a leitura de um gibi, ou um livro com número reduzido de páginas.

Após a leitura, cada aluno descrevia a história para a professora, que por sua vez ria sempre, abraçava e auxiliava os mais tímidos e aqueles que apresentavam maior dificuldade no desenvolvimento da atividade, e sempre concluía a avaliação com um desafio: "na próxima aula, pegue um livro maior e sem tantas figuras." Pegávamos o que queríamos, levávamos para casa e na aula seguinte apresentávamos novos personagens, novas histórias, novos enredos e tínhamos novas risadas, mais abraços e o que era mais rico: a afetividade com a qual não estávamos acostumados a ser recebidos por outras professoras.

Uma pena não me lembrar o nome dela, o que me soa como uma falta de consideração por parte de minha memória! Talvez, como forma de agradecimento, me recordo de alguns livros (mas não das histórias) que li: O caso da borboleta Atíria; O burrinho fanfarrão; A Terra é Azul; Zezinho, o dono da porquinha preta; O mistério do cinco estrelas; A ilha perdida, e tantos outros... Aliás, essa atividade foi desenvolvida por dois anos consecutivos e me alcançou na terceira e quarta séries.

Hoje sei da importância dessa professora que, ao ministrar aulas "incomuns" onde podíamos voar, rir e construir diálogos a partir de nosso entendimento, nos conduziu ao desenvolvimento do hábito da leitura, para a "entonação" e para a dimensão do senso crítico.

Durante o ano de 1984, e com apenas dez anos, eu percebia coisas estranhas no interior de minha casa. Me parecia que meus pais não estavam bem entre si, que o clima já não era mais festivo e que já não se acompanhavam mais como era de costume. Eu estava concluindo a quarta série e me preparando para ser, de fato, um aluno da escola onde fazíamos as aulas de educação física.

Nessa época eu ouvia uma coisa que muito me assustava: eu morria de medo de "tomar bomba"! Não sabia o que isso significava, mas, se era bomba, devia ser ruim e trazer implicações iguais. Eu sequer pensava nessa possibilidade e Deus que me livrasse disso! A aprovação para a quinta série significava o fim de um ciclo e consequentemente a mudança obrigatória de escola já que a nossa não oferecia essa seriação e as seguintes. Era a despedida do Grupo Escolar 6 de Junho, dos amiguinhos, das "tias" e também da Loira do Banheiro, que nunca vi.

Um pouco antes do término das aulas, minha mãe levou a mim e a meu irmão gêmeo para a casa da Tia Marcela, irmã de meu pai. Sem entender nada, dormimos espremidos numa cama de solteiro, enquanto minha tia dormiu no sofá da sala. Ficamos por ali cerca de uma semana, longe do meu pai, de nossa casa, sem entender o que se passava e vendo minha mãe e minha tia conversarem bem baixinho entre si. Outras tias chegavam e as coisas se davam dessa mesma forma.

De repente, estávamos na casa de meus avós maternos, para onde fomos após sabermos da separação de meus pais, depois de quase trinta anos de casados. Nunca mais voltaríamos para nossa casa... Entro para a quinta série me despedindo do monte de areia, da palha de arroz, da linha do trem, do banho de lata, das radiolas e tv's, da minha primeira infância e, sem saber, do meu pai.

1985

Morrer sem deixar um sulco, um risco, uma sombra,
a lembrança de uma sombra
em nenhum coração, em nenhum pensamento.
Em nenhuma epiderme.
Morrer tão completamente
que um dia ao lerem o teu nome num papel, perguntem:
"Quem foi?"
Morrer mais completamente ainda,
sem deixar sequer esse nome.
(Manuel Bandeira, A morte absoluta, 1917)

Com a separação de meus pais, ficamos numa das casas de meus avós maternos, e agora morávamos no bairro Luizote de Freitas, inaugurado poucos anos antes de nossa chegada. Meus avós se mudaram para outra casa, de forma que ocupássemos aquela que viria ser a nossa

durante algum tempo. Minha mãe nunca havia trabalhado fora de casa e de repente eu e meu irmão gêmeo ficávamos sozinhos para que ela encarasse essa rotina. A vida ficou diferente.

Meus irmãos mais velhos já tinham suas vidas constituídas, eram independentes e nos visitavam às vezes. Aos onze anos eu e meu irmão gêmeo cuidávamos da casa e foi assim que aprendemos as tarefas que antes eram de minha mãe e que agora, por necessidade, passaram a ser nossas: manter a casa organizada, lavar, passar e cozinhar.

Foi um período difícil e tínhamos pouco contato com meu pai, que víamos aos fins de semana. Nossa antiga casa foi vendida e ele foi morar no bairro Custódio Pereira, ainda trabalhando como técnico em eletrônica. Entretanto, depois da separação, nossa casa não tinha sequer uma televisão, um bem ao qual estávamos acostumados, e que meu pai não nos deixou levar.

Ao longo de 1985 meu pai tentou reatar o relacionamento algumas vezes, mas minha mãe (que tinha seus motivos) não desejava isso. Me lembro que até a metade desse ano visitávamos meu pai sempre na companhia de minha irmã, que assim como minha cunhada, também estava grávida.

Meus dois irmãos mais velhos já eram pais e agora chegariam os filhos de minha irmã e de meu irmão que, na escala de nascimento, está acima de mim. Entre junho e julho estávamos de férias e íamos com mais frequência à casa de meu pai, e tudo parecia bem. Ao final de julho, fomos mais uma vez e marcamos de voltar depois. Íamos tomar guaraná, sorvete e assistir televisão, como sempre...

Voltamos à casa de meu pai no dia três de agosto. Fui na frente e busquei a sala, onde o encontrei. Ao entrar, não vi nenhum sinal do que nos esperava, e pensei que ele estivesse dormindo deitado no sofá. Quando puxei o denso cobertor que lhe cobria, seu braço caiu. Ele estava morto, minha cunhada e irmã estavam grávidas, e eu, assustado. Ao seu lado, estavam as marcas do que ele escolheu para retirar-se do mundo, e um caderno onde lançou comentários sobre alguns fatos de sua vida, e anotou algumas considerações acerca de situações íntimas e familiares. A vida ficou diferente.

ENSINO FUNDAMENTAL

Você não sente nem vê,
mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo,
que uma nova mudança em breve vai acontecer.
(Belchior, Velha Roupa Colorida, 1976)

Depois da morte de meu pai, ficamos morando de vez no bairro Luizote de Freitas. Ao ter a casa vendida, minha mãe já havia recebido a parte que lhe cabia mas, uma necessidade

familiar fez com que ela gastasse esse dinheiro. Isso foi o impeditivo para que tivéssemos comprado outra casa, e razão pela qual pagávamos aluguel.

Da 5ª à 8ª série estudei na Escola Estadual Leônidas de Castro Serra, no mesmo bairro em que morávamos. Estava na pré-adolescência, ia às aulas pela manhã, apenas minha mãe trabalhava e sempre nos recomendava que ficássemos em casa.

Entretanto, tínhamos nossas escapadas para a rua! Nada que nos condenasse a conduta, mas tocamos muita campainha na vizinhança para em seguida sair correndo, desamarrávamos os sacos de lixo e os chutávamos, colocávamos bombinhas de São João nos muros para vê-los explodir e, na ingenuidade, fazíamos o que marcava nossa desobediência: íamos para os montes de terra e por lá passávamos grande parte do tempo antes que minha mãe voltasse do trabalho. Nossas roupas denunciavam a façanha e era sempre um pesadelo termos a orelha puxada por causa disso!

Cresci fazendo amizades, mas me sentia sozinho. Nunca gostei de futebol (aliás, nenhum dos meus irmãos gostava), não gostava de brincadeiras que levavam à disputa braçal sob a imitação de lutas, e não me interessava pela maioria das brincadeiras que meus colegas acreditavam ser diversão. Gostava de ficar na rua conversando para passar o tempo e foi assim que fiz algumas amizades.

Na escola, considero que tive grandes professores ao longo do ensino fundamental, e alguns até me inspiraram os primeiros pensamentos profissionais: queria ser professor! Ana Maria lecionava aulas de História na quinta série e foi uma das pessoas que mais me marcou. Tudo tinha uma pergunta e uma resposta, o que fazia com que os fatos fossem marcados por sua historicidade... E ela fazia questão de dizer que “antes de ficar assim, tal sociedade agia dessa forma; antes de ser assim, isso era de outra forma, o mundo era assado”, e eu gostava muito das aulas dela.

Em 1987 eu estava na sétima série e, ano a ano algo me assombrava, e não mudava: as dificuldades em matemática. Nunca gostei desse conteúdo e achava impossível associar letras à números, decorar fórmulas ou saber a hora de usá-las. Esse ano foi marcado pela minha primeira reprovação. Eu havia tomado bomba! Jesus me acuda, nunca mais faço isso, estudarei um tanto mais... E minha mãe decepcionada!

Em 1988, repetindo a seriação, fui estudar no noturno da mesma escola... Era o grito da liberdade! Conheci mais gente e me senti adulto por estudar a noite. Fui aprovado para a oitava série, mas ao final dela fui reprovado novamente! Isso me fez concluir o ensino fundamental apenas em 1990.

O reflexo desse “me sentir adulto” e dessas reprovações, foi o abandono dos estudos; o que fez com que minha mãe se decepcionasse ainda mais. Onde estava aquele aluno que fazia

as tarefas com capricho, organizava tudo, que se preocupava em estudar o conteúdo após as aulas e não apenas na semana de provas? Não sei... Adolescente, fui para as baladinhas que fazíamos em casa de amigos... Fui ouvir as músicas da época (que já não eram Clara Nunes, Elis Regina, e as tradicionais que eu ouvia na oficina de meu pai) e ter os primeiros contatos com o "meu mundo adulto"!

ENSINO MÉDIO

Aqui nessa tribo
ninguém quer a sua catequização.
Falamos a sua língua,
mas não entendemos o seu sermão
Nós rimos alto, bebemos e falamos palavrão,
mas não sorrimos à toa.
Não sorrimos à toa.
(Maria Monte, Volte para o seu lar, 1991)

No início dos anos de 1990, embora um de nossos "compromissos" fosse ir para a frente da escola acompanhar a entrada dos alunos, tínhamos um grupo de amigos que não se preocupava muito com os estudos, tampouco queria avançar os muros escola adentro e chegar a uma sala de aula. Era o que eu fazia também.

Dispensado do quartel após o alistamento, fui procurar emprego. Não era uma coisa muito fácil, contando que eu tinha parado de estudar e não tinha sequer um curso de datilografia. Entre idas e vindas fui office-boy um bom tempo. Embora eu pudesse contribuir em casa, esse não era meu sonho... Atravessar a cidade toda de bicicleta entregando condicional de roupas em casas de "madames chatas" era muito cansativo. Nesse mesmo período reencontrei amigos que me chamaram para voltar a estudar e assim o fiz em 1993.

Fomos para a Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira dos Santos, onde fiz grande parte das amizades que cultivei. Foi lá também que tive a melhor professora de História do mundo (Rosilene); as aulas de Português com Wilma e de Matemática com Wagner (embora eu não gostasse do conteúdo, essas aulas eram sempre uma alegria, dada pela pessoa que ele foi); e onde uma "Tia da Cantina" me chamou a atenção.

Sempre carinhosa ao nos servir o lanche (por saber do meu gosto, às vezes me dava até café amargo que era uma regalia apenas dos professores), sempre que podia conversava conosco, nos orientava, e nos "puxava as orelhas", a depender do caso! Me recordo que nessas conversas, ela sempre pedia que reconhecêssemos a oportunidade de estudos e que não a deixássemos passar. Seu conselho vinha, segundo ela, de sua própria experiência: ela sempre quis estudar, mas, casando-se muito nova, foi impedida pelo marido. Assim, ela, uma trabalhadora da roça que queria sair da lida pesada, "acabou fazendo sopa na escola" porque

perdeu a oportunidade. Aquilo me encheu de remorso, ao mesmo tempo em que me fez pensar na necessidade de concluir o Ensino Médio.

Em uma época em que não sabia ao certo o que queria, apesar de mirar um empego, eu sabia o que não queria: lidar com números, equações e porcentagens. Para "fugir" de química, física, biologia e matemática me matriculei no curso Técnico em Contabilidade da escola, que tinha matemática financeira no currículo, mas não havia os conteúdos que sempre tive dificuldade. Concluí o curso em 1995 e ainda trabalhava como office-boy!

Em 1996, e após ter morado em diversas casas (onde o bolso familiar conseguia pagar aluguel) consegui um emprego numa empresa de carros importados. Eu era o auxiliar de serviços gerais e ganhava quase três vezes mais do que ganhava como office-boy. Ali reencontrei muitas das madames para as quais eu levava sacolas repletas de roupas e que na maioria das vezes voltavam intactas. Ao lado de seus maridos, passavam horas e horas admirando carros da moda, mas nem sempre fechavam o negócio. Isso me fazia lembrar o rosto e os gestos com que me atendiam à porta de suas casas, recusando as imensas e pesadas sacolas de roupas que eu levava na bicicleta.

Lavando, encerando, fazendo café e limpando banheiros eu me considerava uma pessoa sortuda! Pagava minhas contas, comprava minhas coisas (até aparelho de som!), ajudava em casa e me sentia realizado. Com essas atribuições permaneci por um ano, até que meu patrão me fez a proposta de pagar um curso de computação para que eu assumisse uma função de auxiliar administrativo. Após o curso de computação, e tendo sido promovido no trabalho, prestei meu primeiro vestibular na Universidade Federal de Uberlândia - UFU - no qual fui aprovado para a segunda fase, mas minha nota não foi suficiente para entrar no curso de Pedagogia. Tristeza, decepção, fim do mundo e "nunca mais eu faço isso novamente".

Permaneci na empresa por quase três anos e considero que foi uma grande lição de vida ter trabalhado ali. Foi um período muito rico e de grande valor para meu amadurecimento, mas, profissionalmente falando, eu estava acomodado. Até que veio a notícia do fechamento da empresa.

TRABALHANDO NA EDUCAÇÃO

Pegue uns pedacinhos de afeto e de ilusão;
misture com um pouquinho de amizade;
junte com carinho uma pontinha de paixão
e uma pitadinha de saudade.
Pegue o dom divino maternal de uma mulher
e um sorriso limpo de criança;
junte a ingenuidade de um primeiro amor qualquer
com o eterno brilho da esperança.

(Receita de Felicidade, Toquinho, 2003)

Para meu desespero, fui demitido e meu mundo havia desabado. Eu não pensava nessa hipótese e também não estava preparado para o que viria a acontecer depois disso. Eu não tinha outras experiências profissionais, e tampouco um currículo que me permitisse uma breve recolocação no mercado de trabalho.

Naquela concessionária, eu trabalhava com o amigo Adevaldo, que foi quem me apresentou uma diretora de escola, que era sua comadre. Era início de 1998 e o ano letivo estava por começar. Foi através dessa diretora que comecei a trabalhar na secretaria da Escola Estadual Marechal Castelo Branco, em funções administrativas. Apesar de o salário não ser atrativo e não responder por minhas necessidades, permaneci no cargo, pensando que ali eu ficaria até encontrar outro emprego.

Ao final daquele ano, eu já estava completamente integrado àquele ambiente e já nem me importava tanto com a questão salarial. Gostava do que fazia, encontrei um espaço acolhedor e fiz novas amizades. Permaneci nessa escola até 1999, ano no qual também dei algumas aulas. Nessa época, podíamos lecionar alguns conteúdos, mesmo que tivéssemos apenas o Ensino Médio.

No ano de 2000, não consegui permanecer na escola. Houve eleição escolar e a diretora que havia me colocado ali aposentou-se. Embora eu agradeça tudo o que aprendi, e tendo sido lá que conheci minha esposa (professora de Língua Inglesa, e nessa época, casada) foi ruim ter que sair daquele lugar. Me vi sem chão, sem perspectiva imediata de outro emprego e tendo que reorganizar minha vida. Fiquei quase um ano desempregado, fazendo pequenos trabalhos, e ajudando minha mãe a vender roupas que ela buscava em Goiânia e Ibitinga.

Apenas em 2001 voltei a trabalhar numa secretaria de escola. Esperando outras oportunidades, foi isso o que chegou! Foi também nesse ano que minha esposa, já separada do marido, começou a frequentar minha casa. Num dia de visita e desabafo (meu e dela) sobre as frustrações que nos alcançavam, ela me chamou para namorar.

Essa foi uma das melhores coisas que poderia ter acontecido! Além de admirá-la como ser humano, eu a achava bonita, inteligente e tudo o mais... Aos poucos, e com o relacionamento tomando caminhos mais sérios, fomos morar na mesma casa. Hoje, casados e pais de um filho, estamos juntos há mais de vinte anos.

Trabalhava na escola, fazia diários para alguns professores, aplicava provas em concursos e fazia tudo o que aparecesse para aumentar a renda, mas nada me levava a pensar em fazer uma graduação. Estava acomodado com a situação, me sentindo bem e sem nenhuma perspectiva que ao menos me conduzisse a um caminho profissional, a uma escolha que me

proporcionasse satisfação pessoal. Até que em 2005 fomos visitados pela cegonha! Meu maior desejo chegou, na pessoa do pacotinho de amor mais bonito do mundo! Meu filho Caian chegava para me mostrar outras coisas necessárias, que não se resumiam às fraldas que ele usaria.

GRADUAÇÃO

Nada a temer senão o correr da luta
nada a fazer senão esquecer o medo,
abrir o peito a força, numa procura
fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai
sonhando demais
mas onde se chega assim
vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
(Caçador de mim, Milton Nascimento, 1981)

Foi em nome daquele pacotinho que, conversando sobre sonhos, realizações e projetos futuros minha esposa me desafiou... Conversa vai, papo vem, e eu disse sobre meu desejo de fazer faculdade. Acercando-se de mim, e depois de ter lançado muitos elogios à minha pessoa, disse-me que, além de sempre me achar inteligente e capaz, era um absurdo eu ter demorado tanto tempo para buscar uma formação. Era um incentivo que ao mesmo tempo representava uma cobrança... Tínhamos um filho e eu estava acomodado. Foi justamente isso o que minha consciência ouviu naquele dia.

Em 2008 fiz o ENEM[4] pensando em ganhar uma bolsa para cursar História. Havia uma faculdade que oferecia o curso e até cheguei a ser chamado. Entretanto, pelo fato de a turma não estar com o número mínimo de alunos, eu corria o risco de perder a bolsa. Assim, optei pelo curso de Serviço Social, para o qual aquela faculdade não oferecia bolsa integral. Hoje reconheço que essa escolha foi intuída, pois nessa época eu trabalhava no Centro de Educação Especial para Diagnóstico, Recuperação e Trabalho de Uberlândia (CEEEU[5]) e admirava muito o trabalho da amiga Lânia, que atuava como Assistente Social daquela escola. Foi ela quem me inspirou na escolha do curso, e quem também me deu o primeiro livro que usei na faculdade.

[4] O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi instituído em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior, e as notas puderam ser usadas para acesso ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e ao Programa Universidade para Todos (ProUni).

[5] A instituição oferecia atendimento educacional especializado (sala de recursos, oficinas pedagógicas de formação e formação profissional, itinerância, apoio e orientação multidisciplinar) para alunos com deficiências e/ou transtorno global do desenvolvimento. Atualmente a escola está extinta, e seus alunos, bem como seu acervo e registros escolares migraram para a Escola Estadual Novo Horizonte.

Eu achava invejável (e sobrenatural) sua capacidade de recorrer às legislações que facilmente aplicava ao seu trabalho; a seriedade com que levava suas atribuições ao pé da letra, e o carinho que tinha por sua profissão. Em 2009, depois de ter recusado o ingresso no curso de História, dois meses depois fui chamado por outra faculdade com a oferta de uma bolsa integral para o curso da segunda opção. Sem imaginar que passara a ser "filho de uma política pública", eu iniciara o curso de Serviço Social.

Considero que o período da faculdade foi uma fase de descobertas, de desenvolvimento intelectual e o encontro com algumas pessoas que muito contribuíram para minha formação. Me faço Bacharel em Serviço Social em 2012, recebo medalha de honra pelo desempenho acadêmico e, ao final da apresentação de meu trabalho de conclusão, fui convidado para ministrar aulas naquele curso. Susto, medo e, logicamente, uma recusa primeira, afinal de contas, eu não queria atuar naquele momento. Nem como professor, nem como Assistente Social, afinal, eu queria me dedicar aos estudos. Esse foi o motivo que me levou a cursar as especializações que fiz (todas gratuitas), motivado que fui pela busca de conhecimentos. Fui para a UFU e fiz uma pós-graduação em Docência na Educação Básica pela Faculdade de Educação (FACED) e outra em Direitos Humanos pela Faculdade de Direito (FADIR).

Concomitante à minha formação acadêmica e mesmo depois de formado, dei aulas em escolas públicas, o que foi uma experiência inspiradora, e que fez reforçar o desejo de continuar na docência. Eu trabalhava em dois lugares e já era servidor efetivo da Secretaria de Estado da Educação, atuando como Secretário de Escola. À noite, eu dava aulas no Bairro Morada Nova, numa escola municipal da zona rural, que cedia seus espaços para que a escola onde eu atuava oferecesse o Ensino Médio para aquela comunidade.

Foi atuando como professor nesta escola que recebi o convite para ministrar aulas em um colégio particular de Uberlândia. Assim, eu tinha uma tripla jornada de trabalho. Levado pelo coordenador acadêmico, trabalhei ali por quase dois anos, até que saí de lá para lecionar no curso de Pedagogia de uma faculdade particular, onde fiquei por um semestre apenas mas que, mesmo assim, foi uma oportunidade ímpar para mim, já que ela me obrigou ao estudo e me reforçou o interesse pela área da educação.

Saí da Pedagogia para dar aulas no curso de Serviço Social. Impactado por saber que estava dando aulas naquele curso, o então coordenador me chamou para assumir uma cadeira no curso em que me graduei, e na faculdade onde conclui o ensino superior. O que eu havia recusado de início agora me batia às portas novamente, e lá fui eu participar da banca avaliativa. Aprovado na banca, assumi as aulas disponíveis.

Profissionalmente falando, e no âmbito do Serviço Social, eu não gosto muito do ambiente da saúde como lócus de trabalho. Apesar de não gostar, mas pensando em meu desenvolvimento profissional, participei de um processo seletivo para uma pós-graduação em Gestão em Saúde, pela Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG. Foi um curso muito difícil, e as disciplinas eram completamente diferentes de tudo que havia estudado até então. Embora eu não tivesse muita proximidade com grande parte dos conteúdos e seus textos, aqueles módulos que versavam sobre saúde como política pública/direito foram meus favoritos, e eu concluí o curso em 2021.

Trabalhando, sob o peso de ocupações que me tomavam grande parte do tempo, não estava pensando em fazer outros cursos, exceto aqueles que tenho por hábito buscar: gratuitos, que tragam renovação e satisfação pessoal, e que façam parte do meu projeto de formação continuada. Ainda na graduação, pensava em atuar como Assistente Social na área da educação, e já vislumbrava o ingresso no Mestrado.

Mas o curso que eu pensava em fazer não era o Mestrado em Serviço Social. Eu queria aprender a aprender, vincular-me a um universo que me fizesse perceber a educação como algo a ser levemente imaginado, estudado, construído. Queria saber da educação como política pública de direito, como algo que ressignificasse meu exercício profissional. E foi assim que tentei o ingresso no Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia, pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Educação. Ao fazer a inscrição, vi que eu tinha os três livros que compunham a bibliografia. Li dois deles e o único que eu não consegui ler integralmente, foi justamente o que direcionou a prova.

Apesar de ter conseguido um ponto a menos do que o necessário para a aprovação, me vi imensamente feliz por ter tido um resultado tão expressivo. Não fui aprovado, mas ter feito essa prova foi uma experiência muito gratificante, e que certamente me motivou a tentar uma outra oportunidade de investir na área de pesquisa e, consequentemente, na docência.

PROJETO TRILHAS DE FUTURO E UNIUBE

É o que pulsa o meu sangue quente,
é o que faz meu animal ser gente
é o meu compasso mais civilizado e controlado.
Estou deixando o ar me respirar
bebendo água pra lubrificar,
mirando a mente em algo producente,
meu alvo é a paz.
Vou carregar de tudo vida afora
marcas de amor, de luto e espora
deixo alegria e dor
ao ir embora.

Amo a vida a cada segundo,
pois para viver, eu transformei meu mundo.
Abro feliz o peito,
é meu direito.
(Compasso, Angela Ro Ro, 2006)

Durante a pandemia de Coronavírus que assolou o mundo entre os anos de 2019 e 2022, nossa casa também se fechou. Tínhamos medo de tudo, sofríamos com as notícias mundiais e nos solidarizávamos com as perdas havidas e que alcançaram gente conhecida e desconhecida. Caian cursava o Ensino Médio e estava sempre às voltas com o medo, com a solidão, e com angustiantes sinais de ansiedade e depressão. Desse período, restou a certeza de que nossa família se amparou nos momentos de crise, esteve sempre pronta ao diálogo e, apesar de estarmos trabalhando na educação (uma área muito afetada pela pandemia), minha esposa e eu tentamos desenvolver habilidades que nos mantivesse a higidez física e mental.

Meu filho ansiava pela conclusão dos estudos, mas ao mesmo tempo desejava fazer algo que lhe ocupasse a mente; o que no meu entendimento significava uma tentativa de buscar outra realidade que não fosse a que vivíamos por causa da pandemia que impactara o mundo e nossa vida. Em 2019, a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - SEEMG - lançou o Projeto Trilhas de Futuro[6], o que considero uma resposta aos desejos dele. Tendo participado do processo seletivo, ele foi aprovado no curso de Técnico em Desenvolvimento de Sistemas, algo que ele gostava e área na qual gostaria de trabalhar. Pouco tempo depois de seu ingresso no curso, ouvi dizer que esse mesmo projeto seria desenvolvido e oferecido para profissionais da educação. Então, fiquei atento...

Quando saiu o edital do programa que eu esperava havia a previsão de vagas para o Mestrado e para o Doutorado. Entretanto, quem fosse contemplado com a bolsa lato sensu e fizesse a matrícula, não poderia pleitear o ingresso em programas stricto sensu. Então, arrisquei...

Aprovado para a segunda fase, era hora de me esforçar um tanto mais na elaboração do projeto. E só uma pessoa insana (eu) tentaria escrever sobre algo aparentemente novo. Devo ressaltar que não há lacuna a respeito da inserção de assistentes sociais na educação, uma vez que dada a luta da nossa categoria e de seus órgãos representativos, muito já se debruçou sobre a questão, o que representou a construção de um vasto e importante arcabouço teórico.

A insanidade a que me refiro significa que eu teria que buscar algo que me auxiliasse na linha de pensamento e na condução dos meus interesses de pesquisador, e propor algo que

[6] Projeto do Governo do Estado de Minas Gerais para a oferta gratuita de cursos técnicos aos estudantes e egressos do ensino médio, trata-se de um programa de formação profissional que disponibiliza gratuitamente cursos técnicos aos estudantes e egressos do ensino médio.

pudesse colaborar para minha própria formação; tivesse uma relevância social e profissional e, obviamente me levasse à aprovação na segunda fase do processo seletivo. Tive minhas dificuldades, mas nada que representasse a limitação, ou o desejo de desistir. Tentando me fazer pesquisador, foi justamente nessas dificuldades (de cunho teórico e pessoal) que me amparei para tentar fazer o melhor por mim mesmo.

Quando saiu o edital classificatório, meu desejo era ter sido aprovado entre os quarenta primeiros candidatos. Meu medo era esse: havia 55 bolsas, e ainda haveria a fase de contestação do resultado, o que talvez alterasse a ordem da classificação final. No dia em que saiu o resultado, minha esposa ardia em febre e, embora não fosse nada grave, a indisposição tomara conta de seu organismo. Assim, eu e meu filho fomos buscar a lista de aprovados, indo diretamente nos últimos números da classificação: nada...

Foram inúmeros "onde está meu CPF, não passei, Jesus me ajuda..." E leia novamente, e treme com o coração disparado, e mais um monte de "Jesus me valha"! Nada... Voltei nos últimos números e não vi meu CPF. Meu filho, que estava ao meu lado (e foi bem mais racional que eu) me orientou: que eu fizesse a busca vagarosa e atentamente e, se não estava no final, estava no começo!

Passei a lista novamente e, desta vez, desde o começo. Mas a ansiedade e o nervosismo me cegaram. De fato, eu não achava o número do meu documento, não o via na lista de aprovados. Até que meu filho pediu que eu me tranquilizasse e buscasse o que eu deveria encontrar: minha classificação. Desde muito novo sei meu CPF de cor, mas no auge do nervosismo, eu lia e não associava como sendo o meu constando da lista de aprovados. Até que parei, repeti mental e depois verbalmente os números... E ele estava ali: no primeiro lugar! Choro, riso, alegria, contentamento, abraços e vai e volta de lista para realmente confirmar.

Pronto! Eu estava feliz, realizado, e ao mesmo tempo já tomado pelo medo que, desta vez, não era da Loira do Banheiro! Obrigações, estudos, pesquisas, leituras, desenvolvimento de habilidades, e tudo o mais que eu havia sonhado estava chegando. Reconheci que eu havia optado pelo certo: ter recusado a especialização e aguardado o processo seletivo para as bolsas de mestrado.

DE ANGELA, ROSA E GERCINA

A poesia está guardada nas palavras - é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim, poderoso é aquele que descobre
as insignificâncias (do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado e chorei.
Sou fraco para elogios.
(Poema, Manoel de Barros, 2010)

Na data estipulada para a matrícula, lá fui eu para a UNIUBE! Reuni a documentação e fui ao encontro do que o universo me proporcionou: o Mestrado em Educação! Me dirigi mentalmente a algumas partes do percurso que me levaram para esse lugar, e vi minha família recolhida por causa da pandemia; obrigações profissionais nos requisitando a reinvenção de nossas práticas; meu filho se consumindo pelo medo, pela solidão e pela ansiedade trazidos pelo contexto dessa mesma pandemia, mas sendo contemplado com a bolsa do curso que lhe renovou os ares e o fez escapar de um quadro pessimista; e eu, finalmente passando pelas etapas de avaliação do edital a que me submeti...

Meu filho estava quase na metade do curso para o qual se inscreveu, e eu estava no Mestrado porque havia ganhado uma bolsa integral oferecida pelo mesmo programa que ele concorreu. Da mesma forma que ele, eu passaria a conviver com outras pessoas que também buscavam seus caminhos.

Estaríamos comprometidos com trabalhos desafiadores, já que nos vincularíamos ao nosso primeiro projeto/trabalho de pesquisa, o que também nos traria o peso de muitas dificuldades para sua realização, e nos obrigaria à dedicação e à renovação de nossas agendas costumeiras.

A primeira recordação que tenho do dia da matrícula é o sorriso e a recepção calorosa que tive por parte das secretárias do curso: Ângela e Rosa. Além de me receberem e darem andamento às praxes, deixaram em mim a marca profunda do que significa vibrar por alguém até então desconhecido. A delicadeza, a dedicação e a forma gentil de conduzir as primeiras palavras me fez pensar que elas também estavam torcendo por mim desde o início, como se já nos conhecêssemos. A partir do momento em que, ao me receber, “as meninas” cuidaram do meu ingresso, instruíram, encorajaram meus caminhos e fortaleceram meus projetos e sonhos. A partir daí, recebo uma incorporação de sobrenome: agora carrego comigo um símbolo institucional e sou Ralei Pereira Matos UNIUBE!

Saindo da sala de matrículas, sou conduzido por alguns espaços da universidade, e o destino me apresenta Gercina! Muita vergonha e timidez: eu estava frente a frente com aquela que fora a Secretária Municipal de Educação de Uberlândia... Quanta singeleza e quanta grandeza em mulher tão pequena! E foi assim: eu estava diante da minha orientadora. Eu não sabia, mas ela assim se identificou... Aquela grandeza seria meu auxílio, seria o freio dos meus desvarios e a indicação do que muito eu teria a exigir de mim mesmo.

Quando olho para trás e busco a referência de tudo isso que aconteceu, não tenho outra explicação: antes que eu buscasse, as coisas vieram! Foi por isso que aprendi a ler com entonação; por isso que eu buscava ganhar estrelinhas e corações nos cadernos; por isso tinha medo da loira do banheiro; por isso não tive tempo para me despedir de meu pai; por isso parei e voltei a estudar.

E foi assim...Sei que não exatamente assim... Esse assim exposto, esse assim contado, esse assim revivido, esse assim reelaborado... Foram tantos tempos, tantos espaços, tantas coisas e tantas gentes...Foram tantas fotos, tantas pessoas apagadas e tantos jeitos... Chego ao final de minha busca memorial querendo ter alcançado o máximo do que fui buscar.

Não tive perdas ou fracassos, não perdi tempo, e nem mesmo ganhei nada... Minha memória guarda o que deve guardar, e me revela aquilo que quer. Estou aqui, mesmo que ainda não saiba o "que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou."

No que afirmo até agora, resumo minha vida em breves dias, acontecimentos e marcas históricas. Embora povoada por mais lembranças, minha memória teve que atender ao espaço que não permite delongas, e essa é a razão de muitos hiatos, vírgulas e reticências.

Foi bom ter "ouvido" essas lembranças, tê-las reelaborado anos depois, e saber que sou e continuo sendo um espectro cercado de mais lembranças que, por sua vez, querem dançar comigo, gritar e aparecer... Digo a elas que aqui, neste espaço, não posso reproduzi-las, não posso permitir que elas se façam visíveis e, infelizmente, impeço suas manifestações. Entretanto, faço uma concessão: em linhas anteriores afirmei que "aprovado para a segunda fase, era hora de me esforçar um tanto mais na elaboração do projeto. E só uma pessoa insana (eu) tentaria escrever sobre algo aparentemente novo."

Não me considero insano no sentido lato da palavra. A insanidade reside em, tendo percorrido meus espaços/tempos, não me recordo de ter "desenhado" projetos. Eu imaginava, pensava e criava personagens e me divertia com as brincadeiras da infância, mas não me recordo de ter pensado meu "eu agora". Só vim a pensar nisso na fase (mais que) adulta.

A insanidade reside em, depois de anos de estudos sequenciais, como eu faria para começar um projeto completamente diferente de tudo o que eu havia feito? Como eu idealizaria algo "em mim" - exposto num conjunto que envolve o "para mim" e "para o coletivo" - de forma a me realizar, se o universo dessa pesquisa nunca foi minha realidade acadêmico-profissional?

Agora tento buscar respostas para essas indagações. Não as tenho. Deixo essas respostas para quem ler o que trago aqui. Independentemente disso, e num indicativo de provável resposta, só consigo pensar que sou um Assistente Social, mestrando em educação que, apesar de ter vindo buscá-la, não está aqui apenas pela titulação.

Esse meu-agora nasce no interior de uma escola pública e em contato com colegas de trabalho que me inspiraram; nasce vendo crianças - cujas famílias, em grande parte, eram personificadas apenas pelas mães - alijadas do processo educacional e da perspectiva da cidadania; nasce do meu interesse pela educação pública e da minha crença de que ela é a motriz universal do avanço humano. Devo dizer que, nessa parte, não sou insano!

Ouvir minhas memórias me faz perceber que a insanidade a que me refiro é aquela que todos nós devemos ter: a utopia... corajosa e reveladora de princípios que considerem minhas necessidades, mas que também contemplem as do outro, fazendo-se visível, apesar da complexidade dos tempos e dos interesses tão distintos da sociedade contemporânea.

Por fim, no que diz respeito à inserção de assistentes sociais na educação, as memórias que me constituem e me trouxeram a este texto brindaram aqueles que me precederam - na vida, nas aspirações, nos pensamentos em comum e divergentes e nas escritas - e desbravaram caminhos para que minha travessia fosse mais confortável, compondo a história de uma luta que guarda em si as marcas de embates e processos históricos que, assim como eu, não nasceram ontem.

Para finalizar esse memorial, registro que Ângela e Rosa continuam (elegante, responsável e sorridentemente) contribuindo para nosso crescimento. Por fim, se me refiro à minha orientadora chamando-a por "Tia Gercina", quero apenas homenageá-la. No emprego desse substantivo estão as marcas de minhas memórias afetivas e as melhores recordações daquela professora que fazia corações, escrevia "muito bem" nas tarefas realizadas e sorria para mim. "Tia Gercina" me lembra essa professora: com olhar atento, ouvindo silenciosamente, respeitando minhas dificuldades, criticando e exigindo mais de mim (edificando, porque acredita que devo oferecer sempre mais) ela faz o mesmo. E o faz com tanta paciência e amor pela profissão que, me acolhendo e ensinando a não ter medo de errar, eu acredito quando ela diz que me vê em outros lugares! Isso acontecendo, torço para que ela esteja lá comigo...

Eu estava parado no meio de uma oração
Como se estivesse desenvolvido a vermes.
Veio a minha professora e me ensinou:
Tudo o que você tem de fazer,
é tirar do seu texto as palavras bichadas de seus próprios costumes – falou!
Poesia é um desenho verbal da inocência.
(Manoel de Barros, 2010)

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **Cinza das Horas**. 3ª ed. São Paulo: Global, 2013.

BARROS, Manoel de. **Menino do Mato**. São Paulo: Leya, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança dos Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MEIRELES, C. **Melhores poemas**. 14. ed. São Paulo: Global, 2002.